

A CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO REFERENTE LAMPIÃO SOB OLHARES POSITIVOS E NEGATIVOS DE SUJEITOS DO DISCURSO*

THE CONSTRUCTION AND RECONSTRUCTION OF THE REFERENT LAMPIÃO IN POSITIVE AND NEGATIVE VIEW OF SUBJECTS OF DISCOURSE

Geralda de Oliveira Santos Lima (UFSE)**

RESUMO: Dentro dos estudos recentes da Linguística Textual, a questão da referenciação é um fenômeno dos mais relevantes quando se trata de analisar atividades discursivas, como nos têm mostrado muitos dos trabalhos de linguistas, como Van Dijk (2004), Apothéloz (2003), Koch e Marcuschi (1998), Koch (1999, 2002, 2005, 2008), Marcuschi (2002, 2005), Mondada e Dubois (2003), Bentes (2001), Cavalcante (2003), Conte (2003), entre outros. Estes, preocupados com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem, passam a adotar em suas investigações abordagens sociocognitivas e interacionistas no entendimento da relação entre linguagem e mundo. Nosso propósito, aqui, é mostrar, dentro dessa nova visão processual da linguagem, como sujeitos do discurso constroem e reconstróem a memória social (e discursiva) do cangaceiro Lampião via uso de processos referenciais que articulam diferentes pontos de vista sobre a figura desse personagem da história nordestina. Para a realização da pesquisa foi levantada a hipótese de que é por meio de cadeias referenciais que os enunciadores produzem pontos de cristalização necessários para a conservação de lembranças comuns nas comunidades investigadas.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Expressões referenciais. Memória social (e discursiva). Lampião.

ABSTRACT: In the recent studies of Textual Linguistics, the issue of referentiation is one of the most relevant phenomena when analyzing discursive activities, as shown by many works of linguists such as Van Dijk (2004), Apothéloz (2003), Koch and Marcuschi (1998), Koch (1999, 2002, 2005, 2008), Marcuschi (2002, 2005), Mondada and Dubois (2003), Bentes (2001), Cavalcante (2003), Conte (2003), among others. These authors were concerned about external, social and historical aspects of language and so they started to adopt sociocognitive and interactionist approaches in the understanding of the relation between language and the world in their investigation. Our purpose here is to show, in this new procedural view of language, how subjects of speech construct and reconstruct the social (and discursive) memory of Lampião using reference processes which articulate different points of view about the figure of this character of the Northeastern history. In order to conduct the research it was posed the hypothesis that it is through reference chains that the enunciators produce necessary points of crystallization to save the common memories in the investigated communities.

KEYWORDS : Referentiation. Referential expressions. Social (and discursive) memory. Lampião.

* Este artigo tem como base a tese de doutorado intitulada *O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória social sobre Lampião*, apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da Profa. Dra. Anna Christina Bentes.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Prof. Adjunto da Universidade Federal de Sergipe (UFSE). E-mail: geralda@ufs.br.

INTRODUÇÃO

Estudos mais recentes, acerca da linguagem, têm afirmado que os processos cognitivos, como fenômenos dinâmicos, surgem e se organizam na interação social. E, é, sem dúvida, a questão da referência um dos temas mais apaixonantes quando se trata de analisar atividades discursivas, como nos têm postulado linguistas, filósofos, sociólogos, psicólogos. Tais estudiosos, preocupados com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem, passam a adotar em suas pesquisas abordagens sociocognitivas e interacionistas na relação entre linguagem e mundo. O que levou autores modernos (KOCH; MARCUSCHI, 1998; MONDADA; DUBOIS 2003, CONTE 2003, BENTES 2001, CAVALCANTE, 2003, HALBWACHS, 1990) a focalizar as estratégias do processamento discursivo através das quais os sujeitos constroem e estabelecem processos referenciais.

Para esses autores, não se deve falar de referência como um produto, mas em referenciação como uma atividade de construção de objetos-de-discurso. Em outras palavras, o foco das investigações não são os objetos do mundo, mas os objetos-de-discurso, isto é, a forma como a referência a qualquer ser do mundo pode ser elaborada e apresentada no discurso (KOCH; MARCUSCHI, 1998). Esses objetos, que não se confundem com a realidade extralinguística, constroem e reconstroem-na interativamente no interior do próprio discurso, de tal modo que as estratégias de referenciação passam a ter uso completamente diverso do que se atribuía, no geral, à literatura semântica.

Assim como pesquisadores, vindos do cognitivismo clássico, avaliaram e/ou reavaliaram seus posicionamentos, outros estudiosos, das ciências sociais, passaram também a se preocupar com a dimensão sociocognitiva nas suas construções teóricas, levando em conta também o processamento linguístico, a situacionalidade e a sua suscetibilidade ao contexto sócio-histórico. O diálogo a esse respeito tem se tornado possível, uma vez que têm surgido espaços de compreensão do fenômeno cognitivo, em geral, e da linguagem, em particular, como fenômenos capazes de oferecer modelos de interação e de construção de sentidos cognitivamente motivados e, ao mesmo tempo, como fenômenos que acontecem na vida social. Essa visão conjunta permite compreender a linguagem como “forma de ação no mundo” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p. 255) que resulta de uma série de outras ações mais simples e organizadas hierarquicamente, formando etapas de uma ação central. Para isso, os usuários da língua se organizam para atuarem conjuntamente, utilizando-se, para tal, tanto de recursos linguísticos quanto de recursos extralinguístico (sociais), e, ainda, individuais, subjetivos e cognitivos.

Dessa forma, a linguagem tem tanto uma dimensão individual, subjetiva, quanto uma dimensão coletiva e histórica. Nesta perspectiva, o sujeito é visto não só como um ser possuidor de inteligência, de estruturas cognitivas, mas também como um sujeito social que constrói, em cooperação com outros do grupo (HALBWACHS, 1990), os referentes textuais tomados como objetos-de-discurso, isto é, os elementos que se constituem interativamente no discurso. Assim, referir é, sobretudo, elaborar uma discursivização do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998), em que se fundamentam as escolhas significativas dos sujeitos falantes na interação com outros sujeitos segundo seus propósitos de querer dizer (KOCH, 2002), a partir de seus conhecimentos, vivências ou experiências. Isso significa dizer que a demanda de explicação do nível textual “tornou indispensável uma visão social da cognição, já que logo se tornou patente que o processamento de textos envolvia diversos aspectos interacionais e conhecimentos sociais” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p.291).

A construção e o entendimento do discurso dependem sempre de uma grande parcela do conhecimento partilhado. Este é muito importante para que os sujeitos do discurso possam decidir (i) sobre o tipo de informação que pode ser dito, e o que deve permanecer implícito; (ii) sobre quais fatos devem chamar a atenção a respeito das posturas adequadas do falante em relação ao outro e (iii) sobre os gêneros que podem ser utilizados (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005). Portanto, tudo o que um falante disser ao seu interlocutor e todos os elementos do contexto podem ser tomados como conhecimento partilhado. Dessa forma, a base comum entre dois sujeitos quaisquer está sempre em contínuo movimento, incluindo cada experiência compartilhada e cada troca linguística como novo conhecimento partilhado. É, pois, na base desse conhecimento que está o reconhecimento do outro como ente interacional de uma mesma comunidade.

Assim sendo, os fatos linguísticos não são a reunião de atos individuais e independentes, mas uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente (KOCH, 2005). Para isso, ativam-se modelos de situação, expectativas sobre estados de coisas que podem guiar o indivíduo nesse processo de (re)construção do referente nas práticas discursivas. Pelo que vimos até aqui, fica fácil perceber que, no desenrolar do discurso, produzido pelo sujeito, será possível estabelecer diferentes formas de nomear o mesmo objeto ou referente. A título de ilustração, podemos apresentar o exemplo seguinte:

- (1) [...] o povo... sabe como é! Conta muitos **causos**, por aí, **de Lampião e sua gente**. Um dos causos é o **da morte desse cangaceiro** ali no Poço Redondo na Grota do Angico aonde ele morreu, não, aonde a volante acabou com **a vida dele**. **Esse acontecimento** foi triste porque mataram **o homem** bem aqui no Estado de Sergipe. **Isso** não dar pra esquecer não e todo ano no dia **da morte dele** sempre tem alguma coisa lá no lugar e muita gente vai até porque o povo tem muito respeito por **Lampião**.

Para Van Dijk (2004), no discurso, a compreensão dos fatos implica que o falante não só se envolva no processamento e na interpretação de informações externas, mas também ativa informações internas e cognitivas, de modo que a compreensão desses fatos implica usar e construir as informações a partir das relações entre os acontecimentos e situações ocorridas no universo discursivo. As expressões, em destaque no recorte (01), sinalizam que o depoente, em seu discurso, se refere a fatos de um passado distante do momento em que está falando. Isso se deve, provavelmente, à escolha das formas linguísticas que remetem ao co(n)texto, além de promoverem a continuidade referencial do sentido do texto. Por exemplo, a expressão nominal “esse acontecimento” além de remeter ao trecho do cotexto precedente - “um dos causos é o da morte desse cangaceiro ali no Poço Redondo na Grota do Angico aonde ele morreu, não, aonde a volante acabou com a vida dele”, e introduzir novas informações no discurso subsequente - “[...] foi triste porque mataram o homem bem aqui no Estado de Sergipe”, sugere a ideia de que é durante as atividades de linguagem que emergem certas propriedades cognitivas e sócio-históricas. Propriedades essas depositadas na mente do falante, que o vão auxiliar a inferencialidade, no momento da construção e reconstrução dos sentidos do texto e a partir das relações discursivas de caráter eminentemente interativo.

Dentro dessa abordagem, priorizamos a perspectiva cognitiva, que postula a linguagem como atividade discursiva na qual a interação, a cultura, a experiência, a história interagem na construção e reconstrução de referentes (ou objetos-de-discurso) apreendidos através do uso de expressões nominais específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais. No fragmento (1), um exemplo de referente seria o personagem Lampião. As diversas formas linguísticas utilizadas na construção do sentido do texto produzido pelo sujeito do discurso, para se reportar ao rei do cangaço (por exemplo “a morte desse cangaceiro”, “a vida dele”, “o homem”, “a morte dele”), são expressões referenciais.

Partindo dessa visão de linguagem, propomos, neste artigo, uma breve reflexão acerca da construção e reconstrução de sentidos no discurso sobre Lampião com relação a pontos de vista externados por sujeitos investigados, via uso de processos de referenciação. O que nos chama a atenção, inicialmente, é que esses pontos de vista vão do positivo ao negativo, e, por vezes, mesclam os dois. Significa dizer que alguns sujeitos revelam uma grande admiração pelo cangaceiro; vêem-no como um homem a serviço dos mais necessitados, isto é, representam-no de forma positiva. Outros, no entanto, consideram-no um bandoleiro vingativo, violento e maldoso. Como também há pontos de vista que reúnem o positivo e o negativo, quando reconhecem que mesmo atuando em socorro dos pobres tem o seu lado ruim, violento, sanguinário. Nas seções seguintes, mostraremos, através do

uso de expressões referenciais, retiradas de alguns relatos, que evidenciam, ao longo do tempo, como têm sido construídas e reconstruídas discursivamente as múltiplas faces do mito Lampião pelas comunidades pesquisadas.

1 O REFERENTE LAMPIÃO: SOB OLHARES POSITIVOS

Do estudo que se realizou até o momento, podemos ver que é possível compreender que as estratégias de (re)construção de referentes textuais, realizadas por meio de expressões referenciais, constituem um processo, uma ação, que se desenvolve a partir de práticas sociais. Aqui, discutiremos tal proposta em função da sua grande aceitação nos estudos linguísticos que privilegiam a interação social. Trataremos, agora, dentro dos estudos mais recentes da Linguística Textual, de alguns processos referenciais, cujo propósito, como já dissemos, é tratar de questões discursivas em que predomina uma visão processual da linguagem. Dentro dessa concepção, vê-se o referente, não como objeto da realidade objetiva, mas como um objeto construído e reconstruído nas práticas discursivas. Na opinião de Mondada e Dubois ([1995] 2003), o estudo da referenciação tem como meta, portanto, mostrar como se desenvolvem, nas atividades de linguagem, os processos de categorização e recategorização do referente, como em:

- (2) **Ele** [Lampião] passou aqui [cidade de Nossa Senhora da Glória, SE] e foi pernoitar na cidade de Ribeirópolis [SE], ali pertinho. [...], quando chegaram lá, foram direto pro quartel de polícia. As portas estavam abertas, aí **ele** entrou no quartel e achou a polícia... Todos os homens estavam... Tudo deitado, aí **o chefe** disse: “levante macacos, vocês não estão esperando **Lampião**? [...] Zé Pimenta [o sargento], pergunta **Lampião**, onde fica a casa do delegado? Aí, eu sabia e fui mostrar porque eu estava mais **o capitão**. Nesse tempo, eu era moleque ainda bem novinho, aí mostrei e fui na casa do delegado com **o capitão** [...]. Aí **Lampião** disse pro delegado: “delegado você tem uma polícia muito fraca, esperando por **Lampião** e tá tudo deitado! Seu delegado, o senhor tem um dinheirinho aí pra me dar?” Então o delegado disse: “eu não tenho dinheiro hoje não porque o comboio chegou ontem que eu tenho padaria e o dinheiro eu gastei todo, apliquei na farinha de trigo”. Aí, abriu a porta e mostrou a sacaria. Aí, **o rei do cangaço** disse: “então tá certo, você tá sendo verdadeiro, você não tem dinheiro mermo”. [...], aí foi embora, né? Viajou cabeça arriba, foi aí pros lado de Frei Paulo onde **o capitão Virgulino** tinha uns amigos lá nesse tempo. Eram uns fazendeiros de lá que gostavam **dele**, porque **Lampião** era **uma pessoa amigüeira** e quem gostasse dele era amigo dele de verdade.

A progressão referencial, em (2), parece estar condicionada pelo tipo de seqüência textual que estrutura o discurso. Este é construído em torno das ações do referente (Lampião) e, não, em torno de uma apresentação valorativa de sua figura. O enunciador escolhe falar sobre as ações dessa entidade, as quais acabam por corroborar várias imagens do cangaceiro, explicitadas pelo uso das expressões referenciais “o chefe”, “o

capitão”, “o rei do cangaço”, “o capitão Virgulino”, “uma pessoa amigüeira”. O mundo que o sujeito constrói nesse (2) relato depende em grande parte de suas escolhas lexicais; de suas intenções discursivas; do reconhecimento de implícitos culturais; da rememoração de acontecimentos históricos de que lança mão para transformar referentes textuais em objetos-de-estudo (MONDADA; DUBOIS, 2003). Vale salientar que esses recursos de referenciação se ligam a propriedades que são tributárias da natureza sociocognitiva da relação existente entre linguagem e memória. Tanto fragmentos narrativos, ou relatos, quanto processos referenciais, por exemplo, mobilizam diferentes formas dessa relação que tem na remissão uma de suas propriedades constitutivas e interpretativas da linguagem.

Para o sociólogo Halbwachs (1990), a linguagem é o instrumento socializador da memória. Esta, segundo sua análise, reduz, unifica e aproxima, no mesmo espaço histórico e cultural, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Ao ressaltar a importância da linguagem como constitutiva da realidade social, reitera que essa atividade humana configura o grupo, e este configura a linguagem. Ao analisar as modalidades da memória coletiva, o autor constata que, nas sociedades modernas, há grupos, linguagens e espaço-temporais socialmente diferenciados, o que conduz a postular uma memória social que é, na verdade, resultado de diferentes memórias coletivas. Na sua ótica, quando os sujeitos atuam conjuntamente, há uma tendência de criar esquemas coerentes de (re)construção e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”.

As estratégias de referenciação, em (2), que dizem respeito à introdução, à manutenção e à continuidade do referente “Lampião” no discurso, permitem constatar, no curso das práticas sociais, a grande complexidade que há em se (re)construir, através do uso de processos referenciais, a memória discursiva (e social) do rei do cangaço, uma vez que muitas das expressões nominais condensam um conjunto de informações sobre acontecimentos do passado, instaurando, ao mesmo tempo, um presente subjetivo, saturado por uma memória social que se refaz a cada nova enunciação de cada uma dessas expressões.

Esse exemplo (2) mostra como o referente “Lampião” vai sendo recategorizado textualmente através do emprego das expressões anafóricas “o chefe”, “o capitão”, “o rei do cangaço”, “o capitão Virgulino”, “uma pessoa amigüeira”, que retomam o termo genérico “Lampião”, estabelecendo uma relação de correferencialidade, já que elas se referem ao mesmo referente. Por exemplo, o sintagma nominal indefinido, “uma pessoa amigüeira”, em (2), a nosso ver, remete tanto ao conjunto de informações presente no interior do próprio discurso, como também a outras expressões referenciais (“um homem bom”, “um homem gentil”) mencionadas por outros falantes em outras situações discursivas. E também

condensa outras informações explicitadas em outros discursos e ainda enunciadas por outras vozes, em outros momentos e em outros espaços. Ao optar pelo uso do anafórico “uma pessoa amigüeira”, o falante, durante o processo de interação verbal, não quis apenas atribuir predicções ou nomeações ao cangaceiro, mas, sim, reativar seu objeto-de-discurso. Dessa forma, o sujeito, em interação com outros sujeitos, procede à construção e reconstrução do referente através da mobilização de sintagmas nominais que funcionam como pontos discursivos de cristalização. A título de exemplificação do que acabamos de dizer, consideremos também os fragmentos dos textos a seguir:

- (3) **Lampião** não foi **um bandido** não. Pra mim, **o estrategista Lampião** foi **um justiceiro, um herói** realmente. Teve gente aqui, em Poço Redondo [SE], que melhorou de vida no tempo de Lampião. A gente conheceu aqui a finada Dó. Ela foi uma das pessoas que **o temido Lampião** deu dinheiro, aí, ela pegou esse dinheiro e construiu uma bodega com que viveu até o fim da vida.
- (4) **Lampião** aprontou muito com os fazendeiros. [...] tinha na feira aqueles homens repentistas né? Aí, eles contavam **a vida do famoso Lampião e a vida dos homens dele**, comandados por **esse herói do sertão**. Também se sabia muita coisa através de pessoas desconhecidas, aquelas que vinham lá de longe fazer feira lá na rua. Então se sabia notícia **do famoso cangaceiro**, porque todo mundo queria saber, conversando com as pessoas na feira, um dia uma conta uma coisa, no outro dia, outra pessoa conta outra coisa e assim todo mundo ficava sabendo das notícias **do homem mais famoso do sertão** [...].
- (5) [...] ainda hoje se fala muito **da história de Lampião, da história do mito Lampião, do símbolo nordestino** que ainda está viva na memória do homem do sertão nordestino e ainda é muito discutida em debates nas escolas, em seminários e em vários outros encontros da arte e da cultura. Os livros de literatura de Cordel também tratam muito bem **da questão do mito Lampião**. Muitas vezes, a gente tem que sair e procurar Seu João Paulo que ainda é vivo aqui e conhece muito bem **a história do cangaço** e também pesquisar muito sobre o que foi ou o que é **o mito Lampião**.
- (6) [...] com o apoio de estudantes e de professores organizamos uma exposição para mostrar... para chamar, então, a atenção da população para o fato de quanto **o fenômeno Lampião** era importante para a cultura do nosso município [...]. E, então, no dia 28 de julho de 1993, teve aqui na cidade do Poço [Poço Redondo, SE] uma disputa bem acirrada em favor da manutenção do monumento, né? Em torno **do símbolo Lampião**, em favor da manutenção **do murinho de Lampião**, né? Porque **esse espaço cultural**, além de ser muito importante para a população local, serve de ponto turístico pro município.

Para os sujeitos pesquisados, o povo não só se lembra como ainda conta sobre as táticas de guerra do fenômeno. Para o sertanejo, Lampião era “bandido”, “estrategista”, “justiceiro”, “herói”, “temido”, “famoso”. Estes modificadores, atribuídos ao nome-núcleo “Lampião”, dizem respeito a escolhas significativas de diferentes formas de caracterizar a figura do rei do cangaço a partir de representações existentes na memória (mente) do falante, e ao modo como os sujeitos selecionam as formas linguísticas apropriadas para (re)categorizá-lo com base no contexto sociocognitivo e discursivo.

Essa seleção de atributos e/ou predicacões, nos fragmentos acima, acrescenta informações que particularizam o referente, ou destacam pontos de vista dos sujeitos sobre tal entidade. Observamos, por exemplo, que, por meio das expressões, em destaque, o referente principal (Lampião), já presente no texto, é retomado, recategorizado ou refocalizado e mantido por meio das expressões “o estrategista Lampião”, “um justiceiro”, “um herói”, em (3); “esse herói do sertão”, “o homem mais famoso do sertão”, em (4); “o símbolo nordestino”, em (5); “o fenômeno Lampião”, em (6), cuja função é especificá-lo, identificá-lo e/ou caracterizá-lo. As descrições definidas, por exemplo, ressaltam certas características atribuíveis ao referente em um dado contexto situacional (ou universo discursivo), sendo que tais escolhas são geradas de acordo com os propósitos de comunicação dos investigados. Trata-se, geralmente, do processo de ativação e de reativação na memória do interlocutor (cf. KOCH, 2002; KOCH; ELIAS, 2006).

Nesses pequenos trechos da investigação, a entidade em estudo, a cada nova interpretação, é assinalada e (re)definida discursivamente por intermédio de grupos nominais. Como se vê, o nome “Lampião”, introduzido no discurso, é recuperado ou renomeado imediatamente, por meio de cadeias referenciais. A seleção de cada uma dessas expressões atende sempre ao projeto de dizer do locutor no momento da interação verbal, à medida que o discurso se desenvolve. É importante, pois, salientar que a recategorização ou refocalização desse referente se realiza, mais uma vez, por meio de anáforas correferenciais, responsáveis pela formação dessas cadeias coesivas mais ou menos longas e complexas que vão sendo construídas e reconstruídas durante a interação. Trata-se, portanto, de formas nominais veiculadoras de informações, cujo propósito é retomar ou fazer remissão ao referente, recategorizando-o a partir de pistas fornecidas pelo co(n)texto, com o intuito de especificá-lo e/ou nomeiá-lo, como se pode observar nos exemplos dados.

Podemos verificar também que algumas descrições definidas, como “o homem mais famoso do sertão”, em (4), não se restringem apenas às informações, conteúdos, expressas na superfície textual, mas também a informações gerais de que os falantes lançam mão para retomar ou remeter a acontecimentos vivenciados pelos indivíduos do mesmo grupo cultural. Expressões anafóricas desse tipo, ancoradas no referente Lampião, em nossa opinião, fundamentam-se em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo, mais precisamente vinculados ao modelo de mundo textual (visto aqui como formas de cognição social). Modelo este presente no co(n)texto e mais ligado a processos inferenciais gerais, constituídos do próprio saber, já que, todo conhecimento circulante em uma dada comunidade é resultado de ações linguísticas, sociais e cognitivas

dos sujeitos que as realizam no interior de eventos, fatos, acontecimentos reais. Na próxima seção, continuaremos desenvolvendo a nossa proposta de trabalho, mas sob outro ponto de vista que o constrói como um bandido.

2 O REFERENTE LAMPIÃO: SOB OLHARES NEGATIVOS

A sociedade sertaneja, àquela época, acreditava na força da arma, pois o homem tinha o direito de andar armado e fazer justiça com as próprias mãos. A história sofrida e repleta de dificuldades conduzia à violência, a qual se incorporava ao modo de vida do sertanejo. Alguns sonhavam com um futuro melhor e viam no cangaço uma possibilidade; outros admiravam a força e a coragem de seus representantes e acabavam tornando-se um deles, ou, assim como Lampião, estavam atrás de vingança. Além de desejarem, também, obter admiração e respeito, impor-se diante das injustiças e fazer justiça com as próprias mãos.

Lampião gostava de “criar furdunço” (cf. SOARES, 2007); fazia questão de deixar a sua marca registrada, que podia ser contemplada na expressão do rosto das pessoas, repleta de pavor diante da violência praticada pelos cangaceiros. Ele dizia que, por ser tão ágil no traquejo das armas e por já ser visto como bandido, logo, tinha que ser o melhor, o mais astuto e cruel até então visto.

A construção da sua imagem negativa evidencia-se no conjunto das descrições referenciais (“o cangaceiro sanguinário”, “o bandoleiro maldito”, “um bandido malvado”, “um criminoso sem igual”, “um homem muito cruel”, “um verdadeiro demônio”) retirado dos depoimentos de alguns sujeitos investigados. Sujeitos que mostram nos seus relatos, via processos referenciais, como se constrói e se reconstrói a memória discursiva e social do cangaceiro, como já visto anteriormente. (Re)construção esta considerada como um processo de geração de informações novas a partir de escolhas linguísticas, de intenções discursivas, das condições culturais, sociais, históricas e/ou de estratégias textual-interativas de que o depoente lança mão para transformar referentes em “objetos-de-estudo” (MONDADA; DUBOIS, [1995] 2003).

A análise das atividades de construção de práticas discursivas indica como as propriedades da cognição da linguagem e da interação social atuam dinamicamente na formação ou elaboração do conhecimento de mundo do falante. Este procura mostrar, por ocasião da interação verbal, como a entidade Lampião está representada não só na sua mente (do enunciador), mas também na memória das pessoas e das coisas que o cercam, visto que a cognição aqui é vista como uma construção social e não individual. O uso de

processos referenciais, de alguma forma, não apenas serve para dar base para a recategorização do referente, como também afirma que tal personagem representa um ser “bandido”, “malvado”, “sanguinário”. É o que se pode perceber na variedade de expressões nominais atribuídas a ele, dentre as quais, selecionamos aquelas que julgamos mais representativas. Vejamos como o fragmento a seguir mostra o quanto as formas linguísticas, em destaque, são responsáveis pela construção do sentido do texto:

- (7) **Lampião** [...] não gostava de quem dizia que ele era **um ladrão** por isso é que ele começou a matar gente e quando os caras disseram que ele tinha roubado um chocalho, [...] foi aí, que começou tudo... Começou essa vida de ser chamado de **o bandoleiro, o malfeitor. O bandoleiro** que andou, andou... Andou muito por esse mundo todo. [...] andava aqui e acolá, mas eles, eu mesmo nunca vi, nunca vi eles não. Eu via a notícia: **o bandido Lampião** passou ali! **O bandido** passou acolá. E um dia [...] aí, a gente teve a notícia: **Um bandoleiro maldito** ta ali no algodão e ele vai passar por aqui. Aí a velha minha mãe se alvoroço e disse: - quando **aquele bandido maldito** passar aqui não vai deixar ninguém vivo!

O trecho (7) acima constitui um exemplo de como determinadas formas discursivas comportam uma multiplicidade de informações e pontos de vista acerca do bandido, nos quais prevalece o processo de (re)elaboração de uma imagem negativa através da recategorização anafórica construída em torno de um campo semântico específico: o da nomeação e/ou caracterização de Lampião como um “bandido”. É o que se percebe pelo uso das expressões “o ladrão”, “o bandoleiro”, “o malfeitor”, “o bandido”, “o bandoleiro maldito”, “aquele bandido maldito”, que constituem os principais elementos linguísticos da cadeia referencial, a qual, a um só tempo, reforça o ponto de vista do entrevistado de que Lampião era realmente um homem “muito malvado”. Além disso, há a apresentação de uma cadeia de designações para o mesmo referente na forma de correferencialidade, de forma a caracterizar tal referente, acrescentando-se à sua imagem, que vai sendo (re)construída, novos traços, novas predicções, novos atributos, sendo introduzidos no texto sem que, no entanto, modifiquem a orientação argumentativa do discurso.

Levando-se em conta tudo isso, verifica-se também que o texto pode ser visto como um conjunto de “pistas” (“o ladrão”, “o bandoleiro”, “o malfeitor”, “o bandido”, “o bandoleiro maldito”, “aquele bandido maldito”), formado por elementos linguísticos de diversos tipos. Esses elementos são colocados à disposição dos usuários da língua, durante uma atividade discursiva, de modo a facilitar ao sujeito não só a construção e reconstrução de sentidos no texto, mas também a interação como prática sócio-cultural. No curso dessa atividade discursiva, os sujeitos mobilizam, através de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociocognitivo e textual, os conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional depositados em sua memória (KOCH, 2000). Assim, as escolhas a serem feitas, durante as ações verbais, dependem não só de características expressas no texto, mas

também das do falante, como objetivos, opiniões, interpretações e conhecimentos de mundo. O exemplo (8) mostra mais um caso curioso, que merece ser analisado:

- (8) Meu pai correu pra qui [Nossa Senhora da Glória, SE], mas quando chegou aqui tinha que mandar dinheiro pro **bando de Lampião**. O **bandido-chefe** que mandava pedir. E se meu pai não mandasse, o **bandoleiro** mandava tacar fogo na fazenda. era **um verdadeiro demônio** Ele judiou muita gente... Não judiou a gente porque meu pai não era coiteiro e sempre dava alguma coisa quando ele passava lá na fazenda, na Baixa Limpa [...] o **cangaceiro Lampião** continuou mandando buscar dinheiro e [...] Se meu pai não mandasse, como eu já falei, **os bandidos** iam tocar fogo na fazenda, aí, ele tinha de mandar mesmo. Aí meu pai pegou e vendeu o gado, vendeu tudo, só deixou o terreno. Até quando chegou o fim, que deram fim **ao valentão do sertão**. É, mais antes disso, **aquele homem** judiou muita gente.

O emprego dessas porções linguísticas (acima destacadas), também, expressa o ponto de vista negativo sobre o rei do cangaço. De fato, em (8), estamos mais interessados em mostrar como o sujeito constrói e reconstrói, ao longo de sua produção textual-discursiva, a cadeia referencial (“o bandido-chefe”, “o bandoleiro”, “aquele homem muito malvado!...”, “o cangaceiro Lampião”, “o valentão do sertão”), sobre o cangaceiro e como estão presentes esquemas interpretativos e/ou avaliativos que norteiam a seleção ou escolha dessas expressões referenciais. Podemos observar pelo uso das descrições que, no trecho acima, o entrevistado vê a figura de Lampião de forma predominantemente negativa. Ele evidencia como a imagem desse referente, a partir de suas ações aterrorizantes (“mandava tacar fogo na fazenda”), ao longo do tempo, constitui-se textual e discursivamente. No exemplo seguinte, procuraremos assinalar como o sujeito do discurso seleciona as formas linguísticas apropriadas para identificá-lo como “bandido”, ao categorizar e recategorizar anaforicamente a sua figura (de Lampião) por meio da cadeia referencial que se forma à medida que o discurso vai progredindo interativamente:

- (9) **Lampião era um criminoso sem igual. Um homem muito cruel.** Não existia em tempo algum atrás alguém pior do que Lampião. [...] Lampião era **um capeta**, em vida, fez muita gente sofrer. Naquele tempo, foi um tempo de muito sofrimento [...]. Quando Lampião veio aqui levou tantas coisas de nós. Se precisava ver que **o comportamento daquele homem** não era de gente não, ele agia como **um bicho**, ele era **um verdadeiro demônio**, aí, o povo vivia assustado com ele e aí quando se sabia que ele estava por perto todo mundo se escondia no mato, fugia, às vezes, pra bem longe com medo dele [...] Ele, como os outros cangaceiros, pintou e bordou... Né? Por esse sertão afora, é, afinal ele era **um bandido malvado**, sabe! Nesse tempo do cangaço muito gente penou porque Lampião era **um cara muito vingativo**, sempre procurava se vingar de quem lhe negava alguma coisa ou não lhe respeitava ou ainda mexia com alguém que ele gostava [...]. Lampião era **um homem malvado**, né? Mais não precisava acabar com **aqueles cangaceiros** daquele jeito, não.

Essas descrições nominais (definidas e indefinidas), uma vez que através das quais se constrói e se reconstrói a face negativa de Lampião, condensam tanto porções textuais antecedentes, como porções contextuais (discursivas). Dessa forma, a escolha de cada uma

dessas expressões (“um bandoleiro maldito”, “um verdadeiro demônio”, “um criminoso sem igual”, “um homem muito cruel”), para designá-lo e/ou para predicá-lo, é uma operação contextualizada, visto que as inferências feitas se apoiam em atividades discursivas. A nosso ver, são expressões que assumem maior ou menor carga avaliativa em função do contexto de uso, da interação e da negociação de sentido, apoiada na memória discursiva (e social), que se estabelece entre os sujeitos no curso de suas interações verbais.

Nos depoimentos dos entrevistados, há relatos bastante detalhados das ações cruéis do cangaceiro, os quais podem ser compreendidos como exemplos de porções discursivas, uma vez que, as formas referenciais indefinidas, em nossa opinião, operam uma dupla função na (re)construção do referente: não só retomam (referem) anaforicamente, como também fazem algum tipo de remissão a informações contidas no (co)texto ou no contexto sociocognitivo. Isso significa dizer que há como que um percurso maior de raciocínio que só se completa com as informações supostamente presentes em esquemas mentais culturalmente compartilhados (cf. CAVALCANTE, 2003). Muitos dos textos, produzidos pelos sujeitos, não só estabelecem uma referência para o mito Lampião, como também afirmam que esse personagem representa uma pessoa má, cruel, perversa, vingativa. É o que se pode perceber nos exemplos, acima, relacionados.

3 O REFERENTE LAMPIÃO SOB OLHARES OPOSTOS E OLHARES HÍBRIDOS

A partir de escolhas significativas, o sujeito em interação constrói e reconstrói o seu discurso sobre Lampião, ora dizendo ser inteligente, honesto, cumpridor de palavra, ora malvado, vingativo, mau. Vejamos os exemplos abaixo:

- (10) Muitas mocinhas ficaram nuas numa festa que **Lampião** fez. **Lampião** não fez nada comigo porque eu me escondi debaixo do chão que meu pai tinha feito um buraco pra gente se esconder. Meu pai tinha cavado esse buraco há tempo, porque sabia que **o ladrão** um dia podia chegar na nossa casa. A gente sabe que quem tem parte com **o capeta** pode aparecer de uma hora pra outra. Lampião era **um capeta** em vida fez muita gente sofrer. Naquele tempo, foi um tempo de muito sofrimento.
- (11) Ai, quando **Lampião** vinha pra essas bandas, nessa redondeza tinha um tocador de sanfona e um velho do cavaquinho pra tocar pra ele. Então, meu pai e as pessoas também contam que **Lampião** mandava chamar as moças da redondeza pra dançar, aí, elas tinham que ir, elas tinham que obedecer senão ele mandava buscar, mas ninguém mexia com nenhuma não. **O chefe dos bandidos** não deixava não. Aí, ele mandava fazer um arraial na casa que era pra todo mundo dançar e ninguém podia mexer com elas, com as moças, ele não deixava e ai daquele bandido que fizesse qualquer besteira com uma daquelas moças. **O cangaceiro** tinha que dançar sério, tirar o armamento pra poder dançar. **O chefe** não dançava, e quando todos estavam dançando **Lampião** estava em pé escorado na boca do fuzil, observando todo mundo que estava ali no arraial. Ele ficava de tocaia né? (MGG, Entrevista 12, p. 278)

(12) **Lampião** marcou muito a vida dos moradores do Poço. **A imagem daquele homem** continua gravada na nossa mente. Eles chegavam aqui e chamavam as moças para ir para as novenas e depois ir dançar, aí, dançavam muito, iam pra dançar com **os cangaceiros**. Nos tempos das novenas, tinha muitas danças. Aí **Lampião** mandava dizer: “diga a fulano de tal que mande suas filhas”, mas ele nunca mandou esse recado para papai. Eu era doída que ele mandasse dizer para papai mandar as filhas. Eu era doída e roxa, dançar era tão bom! Mas só tinha direito de dançar mulher com mulher. Olhe, quando eu fui morar em Glória, foi pra estudar. Aí, quando tinha dança, quando tinha leilão, eu ia mais Mariquinha, dançava as duas irmãs, pois, o povo parava para ver nós duas dançar, de tão bem que a gente dançava. Agora, nunca tive o gosto de dançar mais um homem, tinha uma vontade!

Observando os três fragmentos acima (10, 11, 12), pode-se perceber visões opostas sobre o mesmo tipo de evento, a saber, quando Lampião promovia festas. No primeiro (10), Lampião promoveu uma espécie de orgia (“muitas mocinhas ficaram nuas numa festa que Lampião fez”). No entanto, nesse depoimento não há maiores detalhes, apenas fazemos a inferência de que a entrevistada já havia se escondido de Lampião alguma vez: “Lampião não fez nada comigo porque eu me escondi debaixo do chão que meu pai tinha feito um buraco pra gente se esconder”. Mas, quanto à festa, não há detalhes, visto que a depoente apenas faz referência, alegando que as moças teriam ficado nuas na festa, e, nem tampouco, faz algum detalhe sobre o comportamento de Lampião e de seu bando durante o evento. Essa retomada de acontecimentos do passado, presentes na mente do locutor e na do grupo com que interage, é o processo responsável pela manutenção do referente no modelo discursivo. Isso graças a conhecimentos prévios e culturais, como também a saberes, opiniões e juízos, mobilizados no momento da interação verbal (KOCH; ELIAS, 2006).

Já o segundo fragmento (11) é rico em detalhes sobre como o cangaceiro organizava festas para o seu bando (“mandava chamar as moças da redondeza pra dançar, aí, elas tinham que ir, elas tinham que obedecer senão ele mandava buscar”). O comportamento de seus homens tinha que ser irrepreensível (“ninguém podia mexer com elas não”). O próprio Lampião não se envolvia na festa, apenas observava de longe (“o chefe não dançava, e quando todos estavam dançando Lampião estava em pé escorado na boca do fuzil, observando todo mundo que estava ali no arraial”). Além disso, a recategorização ocorre em meio a diferentes vozes sociais que contavam histórias sobre Lampião. Uma delas é a do pai da entrevistada, o qual poderia ser inserido no conjunto de entrevistados que apresenta um ponto de vista bastante positivo sobre o cangaceiro. Já a entrevistada parece ter um ponto de vista um pouco mais distanciado, assumindo que Lampião era um “homem malvado”.

No fragmento três (12), a entrevistada chega a lamentar o fato de Lampião nunca ter mandado nenhum recado para seu pai para que ela fosse à novena e depois dançar, a

saber: “Aí Lampião mandava dizer: ‘diga a fulano de tal que mande suas filhas’, mas ele nunca mandou esse recado para papai. Eu era doida que ele mandasse dizer para papai mandar as filhas. Eu era doida e roxa, dançar era tão bom!”. É interessante perceber o contraste que há entre as expressões referenciais mobilizadas no primeiro fragmento: “o ladrão”, “um capeta”; e as do segundo: “o chefe dos bandidos”, “o cangaceiro”, “o chefe”; e nenhuma expressão referencial no terceiro fragmento.

Nesta breve seção, tivemos o objetivo de ilustrar de uma forma mais geral as estratégias discursivas dos sujeitos que foram mais detalhadamente tratadas no curso das análises desenvolvidas sobre as expressões referenciais. Também tivemos o objetivo de mostrar como a memória social sobre Lampião é constituída de pontos de vista, ora complementares, ora conflitantes, sobre esse personagem, o que corrobora, via uso de processos referenciais, a nossa hipótese da complexidade do tema e da ambiguidade inerente de sua imagem pública, provavelmente, por ele mesmo muito trabalhada.

Como se vê, as pesquisas desenvolvidas, na atualidade, pela Linguística Textual, indicam, de fato, a presença consistente de mecanismos linguístico-discursivos na construção e reconstrução de referentes no discurso. A repetição frequente desses mecanismos leva à estabilização do modelo textual (KOCH, 2000), por um lado, e, por outro, ele continua sendo elaborado e modificado, por intermédio de novas referenciações, já que os endereços cognitivos existentes continuam sendo, a cada momento, transformados ou expandidos pelo acréscimo sucessivo de novas informações e avaliações ou novas categorizações acerca dos referentes.

CONCLUSÃO

Assim, nos recantos brasileiros, é comum crescer ouvindo histórias que impressionam pelo fato de serem narrativas semelhantes, contadas por diferentes pessoas em lugares diferentes. Esse processo de recontação ou rememoração dos acontecimentos vividos é um ato recorrente na região do sertão sergipano, onde os fatos, ali referidos sobre Lampião, vêm mantendo viva a chama da sua memória mítica. Assim, a nossa preocupação maior foi mostrar como as expressões referenciais, mobilizadas pelos sujeitos da pesquisa, na (re)construção da memória social e discursiva a respeito de Lampião, constituem uma cadeia referencial, que remete ou retoma outras cadeias enunciadas por outros sujeitos em outros lugares e épocas, ao mesmo tempo em que remetem e resumem determinados conteúdos presentes na memória discursiva de grupo social.

Apoiamo-nos, nesta investigação, na concepção sociocognitiva da linguagem que vê a língua como lugar de interação social e a (re)construção de referentes no discurso como fruto de uma negociação de sentido estabelecida entre sujeitos envolvidos em um contexto de interação verbal, os quais partilham de uma mesma memória discursiva (e social). Após nos reportarmos a alguns estudos que voltaram seu olhar, de certa forma, para esse assunto, passamos a discutir em favor da nossa proposta, apresentando comentários e exemplos que, acreditamos, serviram para mostrar que o contexto de uso aliado à interação verbal do sujeito e à negociação de sentido estabelecida com o interlocutor são fatores determinantes na construção e reconstrução da memória discursiva e social do referente Lampião. Queremos dizer com isso que foi possível observar, via emprego de processos de referenciação, que há um grande número de memórias que revelam, em detalhes, o exercício desse poder político, militar e social desse personagem de nossa história, dessa figura pública que soube não apenas manter sua capacidade de liderança, de manipulação, mas também de se fazer conhecida e respeitada, possibilitando assim a construção de uma imagem tanto positiva como negativa.

Com base nos estudos realizados, podemos observar que os trabalhos sobre o fenômeno da referenciação pouco têm contemplado este viés teórico que se situa na interface entre a Sociologia e a Linguística. Vimos, também, que esses processos comportam uma grande quantidade de informações e de pontos de vista sobre personagens, acontecimentos e eventos. Portanto, as expressões referenciais, usadas pelos sujeitos nos depoimentos acerca do cangaceiro, transitam do positivo ao negativo com base em interpretações e avaliações sociais sedimentadas ao longo do tempo e em diferentes espaços. Com esta pesquisa, buscamos dar uma pequena contribuição para o campo dos estudos da referenciação no Brasil, levando-se em consideração justamente a relação entre a conservação da memória social e a construção de processos referenciais. Assim, a consulta a fontes especializadas sobre o fenômeno do cangaço e a articulação entre concepções de linguagem e de memória constituem o alicerce teórico da investigação aqui realizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

BENTES, Anna Cristina. Processo de referenciação em duas configurações narrativas: o conto popular e a história oral. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 177-189, jul./dez. 2001.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 105-18, Jan./Jun. 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-149.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

COSTA, Alcino Alves. *Lampião além da versão: mentiras e mistérios de Angicos*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KOCH, Ingedore G. Villaça. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 75-89, jul./dez. 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Expressões referenciais definidas e sua função textual. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.) *Para sempre em mim: homenagem a Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte: Cespuc, 1999. p. 138-50.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, Anna Cristina (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentados epistemológicos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, v. 14, Número Especial, p. 169-90, 1998.

MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião, seu tempo e seu reinado: a guerra de guerrilha*. 2. ed. Petrópolis, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MELLO, Frederico Pernambuco de. *Guerreiro do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2004.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. *Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NORA, Pierre. Entre memória e história. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

SOARES, Mariana Cysneiros C. *Lampião: a marca que vende o nordeste*. Recife, 2007.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. Organização e apresentação de Ingedore V. Koch. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em 20 de outubro de 2009.

Aceito em 20 de novembro de 2009.